



Miguilim

revista eletrônica do netlli
Vol. 2, Núm. 2, Maio-Ago 2013

NA MIRA DAS REENTRÂNCIAS E DOS ORIFÍCIOS: A CARNAVALIZAÇÃO DO CORPO FEMININO NOS CARTUNS ERÓTICOS DE ANGELI



UNDER FIRE OF INDENTS AND ORIFICES: FEMALE BODY CARNIVALIZATION IN ANGELI'S EROTIC CARTOONS

Patrícia Gomes MELLO SALES
Francisco Vieira da SILVA
PROLING/UFPB, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | OS AUTORES
RECEBIDO EM 21/06/2013 • APROVADO EM 18/08/2013

Abstract

We intend to discuss, in this article, female body carnivalization in Angeli's erotic cartoons. Our analysis indicate that the female body in Angeli's cartoons are "carnivalized" as we observe a disproportional emphasis in some parts of female body, mainly in erogenous zones, in which a woman's body is conformed to an erotic construction supported by a memory that circumscribes it.

Resumo

Pretendemos neste artigo discutir a carnavalização do corpo feminino nos cartuns eróticos de Angeli. Para tanto, levamos em consideração que tal carnavalização não prescinde de uma

discussão acerca da constituição sócio-histórica do corpo da mulher. Nossas análises apontam que o corpo feminino dos cartuns de Angeli carnavaliza-se na medida em que observamos uma ênfase desproporcional em algumas partes do corpo, principalmente nas zonas erógenas, coadunando, assim, para a construção de uma erótica do corpo da mulher amparada numa memória que circunscreve esse corpo.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Carnavalization. Female body. Cartoon.

PALAVRAS-CHAVE: Erotismo. Carnavalização. Corpo feminino. Cartum.

Texto integral

Introdução

Dentre as noções postuladas pelo teórico russo M. Bakhtin, a exemplo do dialogismo, da polifonia, do cronotopo, dentre outras, a noção de carnavalização (BAKHTIN, 2010) não tem sido explorada quanto demanda a sua produtividade, tanto no que concerne aos estudos dos discursos literários, como na perspectiva das análises culturais, por exemplo. Nesta lógica, a carnavalização bakhtiniana, enfocada a partir da obra de François Rabelais, apresenta uma discussão consistente e ampliada do carnaval enquanto um festejo eminentemente popular, alargando o escopo para conceber a linguagem *rebaixada* da praça pública, os banquetes, a comilança e o realismo grotesco proveniente de uma apropriação cômica do corpo, mais precisamente a exploração de um contato do homem com o baixo material e corporal. Subsiste nessas análises bakhtinianas uma acentuada ênfase nas partes *baixas* do corpo, isto é, nos órgãos genitais e excretores, nos orifícios, nas cavidades situadas numa zona limítrofe entre o homem e o mundo que o circunda.

Partindo dessa proposição teórica, objetivamos analisar, a partir de alguns cartuns eróticos de Angeli, a carnavalização do corpo feminino como um elemento propulsor da eroticidade do gênero produzido pelo cartunista. Para tanto, entendemos que essa carnavalização não está apartada da memória discursiva que atua sobre o corpo da mulher, entendido aqui não apenas no aspecto anatômico-físico, mas sim como um espaço para o qual convergem uma verdadeira

constelação de discursos, de práticas, de já-ditos que inscrevem a história do sujeito mulher.

Dessa maneira, as análises evidenciadas neste artigo ancoram-se no seguinte questionamento: como a carnavalização do corpo feminino nos cartuns de Angeli atua no funcionamento do erotismo pretendido por esse gênero e, ao mesmo tempo, retoma dizeres já situados historicamente a respeito do corpo da mulher? Para responder a essa questão, amparamo-nos na necessidade de compreender os discursos e os sujeitos como sendo historicamente produzidos e, para isso, assumimos a concepção bakhtiniana de linguagem, concebendo-a como socialmente constitutiva através de sujeitos, inscrita num feixe de relações ideológicas e históricas. Ademais, acenamos para a possibilidade de perscrutarmos o estudo das imagens, vistas como operadores de memória social (PÊCHEUX, 1999), tendo em vista a existência de uma cultura visual na qual estamos atualmente imersos.

Para efeito de organização estrutural, dividimos este texto em dois momentos principais: no primeiro, visamos discutir o conceito de carnavalização no cerne da teoria bakhtiniana, centrando o foco sobre a questão do corpo grotesco, enquanto que, no segundo, vislumbramos a possibilidade de empreendermos um olhar analítico sobre os cartuns de Angeli, tendo como base interpretativa as discussões anteriormente explicitadas.

Revisitando o conceito de carnavalização

Muito tem se discutido sobre os postulados deixados por M. Bakhtin e o Círculo. Encontramos vários trabalhos sobre dialogismo, plurilinguismo, polifonia, significação, gêneros de discurso, entre outros conceitos, que são atualmente discutidos e divulgados por seus epígonos. No entanto, não encontramos muitos trabalhos que discutem o conceito de carnavalização, o qual se encontra presente de forma mais sutil em algumas obras de Bakhtin como, por exemplo, *Problema da Poética de Dostoievski* (2010) e de forma mais bem elaborada e desenvolvida no

livro *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais* (2010).



Para entender o conceito de carnavalização, é preciso primeiramente enfatizar que o termo *grotesco* é uma espécie de transmutação de formas em outras, quando essas se referem ao corpo, fazendo uma ridicularização dos fatos sociais. Para que esta ridicularização faça sentido, o leitor deve ter o conhecimento dos fenômenos visados que podem ser ridicularizados através dessas imagens exageradas, como é o caso das imagens analisadas neste artigo. Assim, segundo Bakhtin (2010, p. 267), “recolocamos essa imagem exagerada na realidade; experimentamos uma satisfação moral, pois essa imoralidade e essa depravação são fustigadas por meio da caricatura e da ridicularização”. Com isso, para a análise do grotesco, Bakhtin (2010) observa de maneira completamente diferente o que era visto nas imagens clássicas e naturais. Na abordagem bakhtiniana, observa-se as fronteiras entre o mundo e o corpo, uma vez que “na base das imagens grotescas, encontra-se uma concepção especial do conjunto corporal e dos seus limites” (BAKHTIN, 2010, p. 279).

Ao analisar o corpo grotesco, Bakhtin (2010) destaca as excrescências, as saídas e os orifícios, ao que faz atravessar os limites desse corpo, por isso as imagens são tão exageradas, abordando a ousadia, a liberdade. Fogem, portanto, daquele corpo idealizado e perfeito ditado pela normatização clássica.

As imagens clássicas mostram um corpo fechado, acabado, com formas bem proporcionais, um corpo perfeito e esbelto, principalmente corpos com aspectos juvenis, sem qualquer indício de extravagância em contraposição ao que encontraremos, por exemplo, nas imagens dos cartuns, já que estas são deturpadas, exageradas nas formas e sentidos, características do corpo grotesco analisado por Bakhtin (2010).

Diante dessa forma de enxergar o novo, o diferente, o popular, Bakhtin (2010) analisa o romance polifônico e observa diferentes características entre a cultura cômica popular medieval, que até então era deixada de fora das análises literárias, ou melhor, não havia espaço com as nuances da literatura na Renascença. Assim, a conceito de carnavalização vem designar todas as formas

contrárias às normas e padronizações da cultura oficial na Idade Média e no Renascimento. A variação das festas populares e o riso são postos em cena. O avesso, a inversão da ordem hierárquica, a mistura dos pensamentos e valores, a reunião dos extremos (nascimento/morte, alto/baixo, elogios/ insultos, alegria/tristeza etc.). Todos esses aspectos são postos em cena e passam a fazer parte da literatura.

Dessa forma, duas culturas são postas em diálogo na linguagem bakhtiniana: a cultura oficial e a não oficial ou popular-cômica. Por isso, a obra *Gargantua e Pantagruel* de Rabelais, como também *Dom Quixote* de Cervantes, são obras nas quais se apresentam esse contraste intercultural. O silêncio e os *bons modos* são escamoteados e a alegria do carnaval penetra o espetáculo, mas este não deve ser compreendido como as festividades do carnaval atual, com atores e espectadores, mas sim como uma espécie de inclinação carnavalesca que preexiste em cada sujeito.

Bakhtin (2010) observa através do grotesco, característica ímpar da carnavalização, que a cultura não oficial apresenta caráter contestador, mas o faz através da comicidade. Assim, é através dos ritos e dos espetáculos em praças públicas, frequentemente representados através de sátiras e paródias, que a cultura popular apresenta sua totalidade cômica em forma de protesto, fugindo dos dogmas implantados pela Igreja e Estado. Lembramos que essa contextualização é necessária para entendermos a concepção carnavalesca de Bakhtin (2010), a ser desenvolvida através das análises dos cartuns.

Como no nosso trabalho a ênfase recai sobre o corpo grotesco feminino, vejamos o que nos diz Bakhtin (2010, p. 277, grifos do autor):

O papel essencial é entregue no corpo grotesco àquelas partes, e lugares, onde se ultrapassa, atravessa os seus próprios limites, põe em campo um outro (ou segundo) corpo: o ventre e o falo; essas são as partes do corpo que constituem o objeto predileto de um exagero positivo, de uma hiperbolização [...] Depois do ventre e do membro viril, é a boca que tem o papel mais importante no corpo grotesco, pois ela devora o mundo; e em seguida o traseiro. Todas essas excrescências e orifícios caracterizam-se pelo fato de que são

Logo, Bakhtin (2010) ressalta que a cópula, a gravidez, o parto e o nascer são todos efetivados nesses limites do corpo/mundo, assim “o começo e o fim da vida são *indissoluvelmente imbricados*”. Ainda dentro do conceito de carnavalização, Bakhtin apresenta um capítulo que trata do baixo material que se funde com o grotesco, uma espécie de rebaixamento, pois este “é enfim o princípio essencial do realismo grotesco: todas as coisas sagradas e elevadas aí são reinterpretadas no plano material e corporal” (BAKHTIN 2010, p. 325).

É interessante observar ainda como Bakhtin (2010) analisa a mulher na concepção carnavalesca da Idade Média, pois elas são consideradas ideais e materialmente usadas para procriação, tendo sempre uma visão negativa e vergonhosa do corpo, mantendo-o sempre coberto e ainda sendo encaradas como a personificação do pecado. Na cultura popular cômica, a mulher tem seu papel regenerado e é entendida como um ser puro que traz a vida e a renovação, pois, é através dos orifícios que o mundo se faz novo, é através dos corpos femininos, que “*efetuam-se nos limites do corpo e do mundo ou do corpo antigo e do novo; em todos esses acontecimentos do drama corporal, o começo e o fim da vida são indissoluvelmente imbricados.*” (Bakhtin, 2010 p. 277).

Por fim, vale salientar que uma obra carnavalizada, na perspectiva bakhtiniana, é aquela na qual encontramos o riso atrelado a uma relativização da verdade. Nada é considerado superior, pois há uma espécie de descentralização do poder. É aquela literatura da praça, do lugar comum, da família, do cotidiano. Destarte, “a carnavalização constrói um mundo utópico em que reinam a liberdade, a igualdade, a abundância, a universalidade. Ao mesmo tempo, opera com a categoria da excentricidade, na qual as coisas estão às avessas.” (FIORIN, 2008, p. 96).

Ressonâncias da carnavalização nos cartuns de Angeli

Conforme explicitamos na seção anterior, o conceito de carnavalização, na perspectiva de Bakhtin (2010), a partir de uma alegoria entre o céu e a terra, situa

o baixo corporal (o traseiro, as genitálias) como sendo esta última, enquanto o alto (o rosto) estaria para o céu, numa espécie de ligação entre o homem e o cosmos. Pensando especificamente no baixo corporal, lançaremos um gesto de leitura sobre alguns cartuns de Angeli¹, no intuito de cumprirmos com o escopo estabelecido para este trabalho. Vejamos o cartum que segue:



A princípio, é necessário mencionar que o cartum se apropria da forma de outro gênero discursivo, entendido aqui na perspectiva de Bakhtin (2010), para produzir determinados efeitos de sentido. Dessa maneira, o cartum está sob os moldes de uma tela, assim como as que estão em exposição nos museus (*“Museu da Arte Inútil”*), devidamente assinada e datada pelo pintor/cartunista, denotando assim o fenômeno da intergenericidade, que ocorre quando um gênero assume a forma e a função de outro, sem que isso acarrete prejuízo no propósito inicial daquele gênero que se traveste, conforme aponta Marcuschi (2008). O cartum acima retoma, portanto, a forma e os efeitos de sentido que emergem de uma obra de arte, a fim de produzir outros sentidos e apresentar uma funcionalidade específica através da criação do humor.

O corpo posto em evidência pelo cartum pode ser analisado sob o enfoque da carnavalização, na medida em que o destaque principal desse corpo encontra na hiperbolização/transmutação da genitália feminina, uma das partes que se abrem “ao mundo exterior, isto é, onde o mundo penetra nele [o corpo] ou dele sai para o mundo através dos orifícios, protuberâncias, ramificações” (BAKHTIN, 2010, p.

23). Essa hiperbolização, em consonância com a pretensão erótica expressa pelo cartum, vincula-se a outras partes do corpo feminino que emolduram toda uma atmosfera lascivo-grotesca, a exemplo da acentuada ênfase nas pernas, na posição em que estas se encontram, nos seios voluptuosos e no rosto disforme da figura feminina exposta. Destacamos também o formato da boca, pois segundo Bakhtin (2010, p. 277) ela “tem o papel mais importante no corpo grotesco, pois ela devora o mundo.” O que se percebe no cartum é um ar de insinuação e uma boca carnuda pronta para o ataque, ao mesmo tempo em que espera para ser desvendada.

Na composição do cenário da tela-cartum, encontram-se chaves espalhadas pelo chão, dentre as quais deve estar aquela que abrirá a genitália metamorfoseada no formato de fechadura. Tais chaves dão margem a diferentes leituras a respeito do efeito de sentido que delas ecoam. Neste sentido, partindo do pressuposto de que a imagem mobiliza uma memória social que se inscreve através da linguagem e “se enraíza no concreto, no gesto, na imagem, no objeto” (NORA, 1993, p. 9). Uma das leituras possíveis é de que a chave representa metonimicamente um dispositivo de controle da sexualidade do sujeito mulher, tendo em vista que, somente aquele que encontrar a chave que dá acesso à fechadura-genitália, poderá desfrutá-la.

Aqui a memória discursiva também é ativada, quando pensamos que, desde a mais tenra idade, a mulher é orientada a se guardar no sentido de preservar sua virgindade, noutras palavras, significa dizer que é preciso trancar sua genitália, de modo que somente aquele que tiver a *chave adequada* poderá desvirginá-la. No caso do cartum, o corpo reificado funciona senão como um enigma à espera daquele que o desvende, daí o rosto que se insinua e assusta, ao mesmo tempo, surpreende e imobiliza.

Dessa maneira, a carnavalização do corpo feminino não está apartada das representações sociais acerca do sujeito mulher, o que atesta o fato de a linguagem estar permeada por diferentes acentos, pontos de vista, já-ditos, os quais estão visceralmente atrelados às condições sociais e históricas. A sexualidade é um dispositivo atrelado ao poder (FOUCAULT, 2007) que se alinha de acordo com as regras estabelecidas; no caso do cartum em análise, subjaz a ideia de que a

sexualidade feminina está a serviço de outrem, está sob o jugo de um *escolhido* que descobrirá a senha, ou seja, a chave que abre as portas do prazer.

A fim de verticalizarmos esta discussão, observemos o cartum a seguir:



O cartum anterior anuncia a exposição da “maior mulher do mundo”, de modo a exagerar no gigantismo que define esse corpo em exibição. A parte verbal do cartum revela a frustração dos frequentadores do museu no que se refere ao horário de visitas da atração em destaque. O corpo nu da mulher gigante denota uma ênfase nas partes íntimas, uma vez que o cartum centra-se na exploração da genitália feminina e na posição em que se encontram as pernas, numa clara referência a uma das posições ocupada pela mulher no ato sexual como também à posição do parto, assim nos lembra a passagem em que Bakhtin (2010) fala dos extremos, das aberturas, do parto, da nova vida, por isso, “a imagem grotesca ignora a superfície do corpo e ocupa-se apenas das saídas, excrescências, rebentos e orifícios” (BAKHTIN, 2010, p. 277). Por outro lado, é preciso reiterar que essa carnavalização se efetua mais num movimento de ruptura da ordem vigente do que pela imagem do inacabamento, oriunda de uma regeneração que provocaria o riso. Neste sentido, atentamos para a função que as imagens do cartum exercem na produção de efeitos de sentidos provenientes deste gênero discursivo.

Refletindo sobre a questão das imagens, Baudrillard nos diz que é perigoso desmascará-las, já que elas dissimulam que não há nada por detrás delas, pondera Baudrillard (1991). Mas será que as imagens não dizem nada? Será que elas não

retomam já-ditos/vistos? Acreditamos que a imagem, por outro lado, não apenas reverbera e traz à tona dizeres já inscritos na memória social, como também inscreve a história dos sujeitos. Pensando assim, que já-ditos o cartum da mulher gigante conjura em torno de si? Ora, ao pensarmos numa mulher gigante num cartum de natureza erótica, rememoramos todos os fetiches e desejos que incidem sobre o corpo feminino; logo, uma mulher com proporções extraordinárias seria capaz de saciar todos os sonhos eróticos masculinos, seria um convite ao deleite desmedido, carnavalizado, sem limites. Essa memória atua sobre o corpo da mulher e o territorializa como um espaço voltado ao prazer. Mesmo quando este corpo adquire um tamanho descomunal, ele não deixa de ser associado à consecução de um desejo eminentemente sexual. Convém levar em consideração, portanto, o sujeito enunciador do cartum, uma vez que é a partir dele que os dizeres são discursivamente constituídos. Trata-se, antes, de um sujeito que mobiliza na tessitura discursiva dos cartuns, inúmeros dizeres sociais sobre o corpo feminino.

Uma das principais características que definem o imaginário das relações sexuais circunscreve a questão do jogo entre *dominar* e *ser dominado*. Neste sentido, o cartum abaixo explora esse jogo:



O cartum se apresenta como mais um quadro do “Museu da Arte Inútil” e põe em tela uma domadora de leões que é domada sexualmente pelo leão, num processo de inversão de poder. Um aspecto da carnavalização que podemos encontrar neste cartum reside justamente nessa relação sexual atípica, por meio de uma alusão a uma possível zoofilia, com o ânus, representando as partes baixas de que fala Bakhtin (2010), sendo consumido pelo apetite animalesco do leão. As partes baixas, que antes eram motivos de vergonha, agora são vistas de uma forma grotesca no sentido de deturpação da ordem, em função da inversão do poder entre o dominador e o dominado. Sobre essa questão, Bakhtin (2010, p. 278) sublinha que: “[...] as imagens grotescas do corpo predominam na linguagem não-oficial dos povos, sobretudo quando as imagens corporais se ligam às injúrias e do riso[...] fecundante-fecundado, parindo-parido, *devorador-devorado*[...]”.

Centrando o foco analítico sobre a relação dom(in)ador/dominado, que constitui a lógica de constituição do cartum, é possível entrever que é sobre a domadora que gravita todo o foco do erotismo, na medida em que ela é a dominada, a que ocupa a posição de passiva na relação. Neste contexto, vale recuperar os discursos provenientes na memória social a respeito do tradicional e histórico lugar que a mulher deve ocupar na relação sexual com o seu parceiro, qual seja: uma condição de passividade ante a ação ativa do homem.

Essa breve incursão analítica sobre os cartuns de Angeli nos permite constatar algumas regularidades discursivas as quais se atrelam à forma como o corpo feminino é carnavalizado, mais especificamente em relação à construção exacerbada das zonas erógenas do corpo feminino, a fim de produzir uma erótica humorística sobre esse corpo. Subjacente a esse processo de carnavalização, alojam-se movimentos de memória que historicamente circunscrevem o corpo e a história do sujeito mulher no que tange especificamente ao campo da sexualidade.

Considerações finais

Estabelecemos como objetivo para esse texto investigar a carnavalização do corpo feminino nos cartuns eróticos de Angeli, atentando para os movimentos de memória mobilizados pelas imagens presentes nos cartuns, principalmente no que

concerne aos sentidos históricos e culturais que esses elementos imagéticos acerca da mulher trazem à tona. As imagens, conforme assinala Pêcheux (1999), são responsáveis pela mobilização de uma memória social que inscreve os discursos na rede da história. Dessa maneira, podemos constatar que das imagens do corpo feminino veiculadas pelos cartuns ressoam ecos de memória os quais inscrevem discursivamente o corpo feminino, mais precisamente através da superexploração das partes baixas do corpo.

Neste íterim, buscamos subsídio teórico na noção de carnavalização postulada por Bakhtin, em especial na obra que a ele deu o título de doutor, qual seja: *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Assim, perscrutamos a constituição de uma erótica do corpo da mulher pretendida pelos cartuns, a partir das imagens exageradas desse corpo. Os cartuns analisados se apropriam da composição formal e estilística das obras de arte e, com isso, produzem efeitos de sentido que apontam para a crítica e a paródia do discurso da arte, ao propor, por exemplo, um *Museu da Arte Inútil* ou ainda por em exposição o corpo nu da *maior mulher do mundo*.

Retomando rapidamente as imagens dos cartuns, é possível sintetizar que tanto na imagem da genitália-fechadura, da mulher em exposição, quanto naquela da dominadora de leões subsiste a noção de um corpo fetiche, extremamente acentuado nos contornos das partes eróticas, e que, por conseguinte, encontra-se pronto para o deleite daquele que encontra a chave, dos visitantes da exposição e do próprio leão, respectivamente. Em suma, o corpo feminino, neste contexto, está à disposição dos que dele podem desfrutar, trata-se, pois, de um corpo que assusta e ubiquamente seduz, insinua e desconcerta.

Notas

¹ Arnaldo Angeli Filho, mais conhecido como Angeli, é um cartunista paulista que produz charges, fanzines e cartuns, desde os anos de 1970. Além de produzir para o Jornal Folha de São Paulo, mantém um site no qual se encontram diversos cartuns e charges. Entre eles, os cartuns com temática erótica que são foco de nossa investigação e que estão disponíveis em: <<http://www2.uol.com.br/angeli/letstalk/letsatual.htm>>. Acesso em: 23 mai.2013.

Referências

- BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. 5. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- BAKHTIN, M. M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. 7. ed. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC, 2010.
- BAKHTIN, M. M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 5. ed. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- BAUDRILLARD, J. **Simulacros e simulação**. Tradução de Maria J. da Costa. Lisboa: Relógio d'água, 1991.
- FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. São Paulo: Graal Edições, 2007.
- MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução de Yara A. Khoury. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez.1993.
- PÊCHEUX, M. Papel da Memória. In: ACHARD, P. et al. **Papel da Memória**. Campinas: Pontes, 1999.

Para citar este artigo

MELLO SALES, Patrícia Gomes; SILVA, Francisco Vieira da. Na mira das reentrâncias e dos orifícios: a carnavalização do corpo feminino nos cartuns eróticos de angeli. **Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 2, n. 2, p. 14-26, ago. 2013.

Os Autores

Patrícia Gomes Mello Sales é mestranda em linguística pelo PROLING (UFPB), desenvolve pesquisa embasada na filosofia da linguagem bakhtiniana. É graduada em Letras pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Participa do Núcleo de Estudos de Teoria Linguística e Literária-NETLLI, na linha de pesquisa O Contexto de Mikhail Bakhtin e é pesquisadora-estudante do Grupo de Pesquisas em Linguagem Enunciativa e Interação – GPLEI, na linha: Discurso e Sociedade – a diversidade discursiva e enunciativa, sob orientação do prof. Dr. Pedro Farias Francelino. Atua na área de letras com ênfase em linguística.

Francisco Vieira da Silva é graduado em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), especialista em Ciências da Linguagem Aplicadas à Educação a Distância (CLEAD) pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN). Atualmente, é doutorando do Programa de Pós-graduação em Linguística (PROLING) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Atua, principalmente, nas seguintes temáticas: Análise do Discurso, mídia e discurso, construção de identidades, bem como na formação de professores numa perspectiva discursiva. Membro do CIDADI – Círculo de Discussões em Análise do Discurso.